

A menina, o Pé de Jabuticaba e o Sr. Gato-Morte



Escrito por Laís Souza Mateus e Sonara Cristina de Souza



**A MENINA,
O PÉ DE JABUTICABA
E O SR. GATO-MORTE**

AUTORIA:

LAÍS SOUZA MATEUS

SONARA CRISTINA DE SOUZA

ILUSTRAÇÃO POR:

LAÍS SOUZA MATEUS



Mateus, Laís Souza.

M425m A menina, o pé de jabuticaba e o Sr. Gato-Morte/
Souza Mateus e Sonara Cristina de Souza
Divinópolis: [s.n.], 2025.

29 p. : il., color.

ISBN: 978-65-01-36017-1

1. Luto. 2. Morte - aspectos psicológicos. 3. Crianças -
desenvolvimento. I. Souza, Sonara Cristina. II. Título.

CDD 153.93

(Elaborada pela bibliotecária Lorena J. Melo Mendonça -CRB-6/3161)



À minha avó que a Dona Morte levou antes
mesmo que eu pudesse conhecê-la.



A menina, o pé de jabuticaba e o Sr. Gato-Morte

Era uma vez a minha avó

Ela vivia numa casinha simples de madeira no meio do mato

Apenas na companhia de suas vacas, galinhas e lagartixas

Sua vida foi longa

Sua vida foi calma

Com seu andar lento, ela foi até seu honorável canteiro de flores

Tomou seu café quentinho com um biscoito de queijo

Deitou-se na sombra do pé de jabuticaba

Puxou duas jabuticabas fresquinhas do pé

Olhou para a casa que um dia construiu

Olhou as plantas que regou

Olhou os animais que alimentou

Pela última vez naquele dia se deitou

Pela última vez suspirou

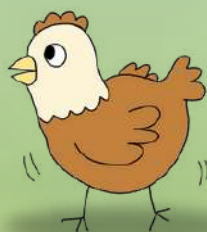
Fechou os olhos

E caiu no sono

Para todo o sempre.

Agnes desceu no escorregador do quintal, pulou na amarelinha pintada no chão, deitou no chão da cozinha, bisbilhotou o porão da casa, jogou ração para os peixes do lago, tomou leite com achocolatado, correu atrás das galinhas, mas nada aconteceu...

Nada que antes preenchia o seu coração com emoção e alegria, estava adiantando.



Agnes, então, colocou a mão no coração. Parecia que ele queria sair do corpo, de tão agitado e dolorido.

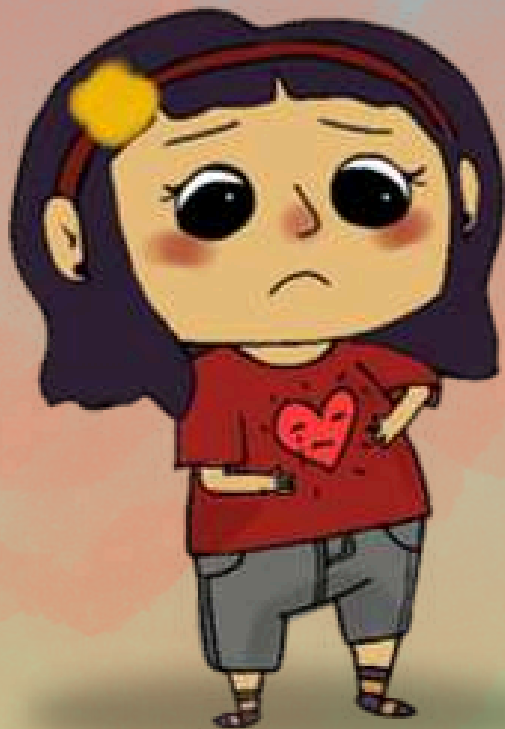
Quer dizer algo, coração?, pensou a menina, Diga logo, por favor!

Ai! Que dor! Que dor!, seu coração dizia, pulsante.

Mas o que você quer?, pensou ela, já fiz de tudo... Eu não sei mais o que fazer, oras bolas! Ah... Estava tudo mais ou menos.

Não tinha a mesma graça que antes.





Agnes já tinha tentado fazer as brincadeiras mais legais que conseguia se lembrar, mas aquela dor de coração não ia embora de jeito nenhum!

E cansada de tanta tristeza começou, agora, a ficar revoltada! Revoltada com o pé de jabuticaba, revoltada com a brisa da manhã, com a casa, com os animais, até com a avó.

— Que sensação estranha é essa? Eu não aguento mais! — Resmungava enquanto dava um pisão irritado na raiz do pé de jabuticaba.

— Ai ai! — Gritou a árvore, com uma voz fina que só uma jabuticabeira teria.

Agnes deu um pulo para trás assustada e encarou a árvore com os olhos esbugalhados:

— O que foi que eu te fiz, garotinha?! — Gritou a Jabuticabeira, indignada.

— Você fala?? – Agnes, boquiaberta, pergunta.



— Falo sim! E sinto também! Não me chute mais porque isso dói!.

— Oh! Desculpe-me, Dona Jabuticabeira... — Ela se afastou um pouco e sentou-se ao lado das raízes da árvore. Cabisbaixa, reclamou: — É que eu estou sentindo algo muito esquisito hoje, algo que nunca senti. Aí fiquei triste. E, logo depois fiquei com raiva.

— Hum... é mesmo? Que curioso... E como é a sensação de sentir pela primeira vez?

Agnes parou um pouco e pensou... era desconfortável, isso ela tinha certeza.

— Não sei, Dona Jabuti. Não sei nem o que é, para ser sincera.

— Descreva para mim. Talvez eu possa lhe ajudar.

— Bom... parece um vazio no peito, um buraco. E dói muito.



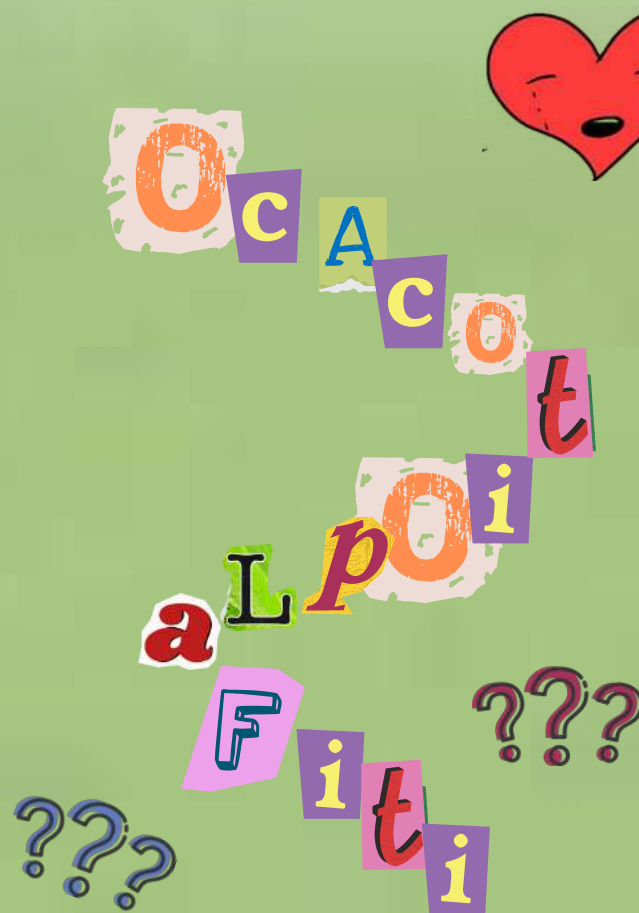


— Um vazio? E você, por acaso, perdeu alguma coisa? — Perguntou ela. — Deve ter deixado cair um pedaço do corpo! — Dona Jabuticabeira diz, assustada, analisando Agnes da cabeça aos pés.

Agnes também se inspeciona. Será que uma parte do coração se descolou e foi parar nos pés? Ela sacode os pés, só para ter certeza.

— Eu andei por toda parte, não vi nada meu jogado por aí. Mas... sabe, a dor é tipo um negócio que não tem nome... um *ocacotioplafiti*. - Disse Agnes inventando uma nova palavra para o que sentia.

— *Ocacotioplafiti*? — Repetiu a árvore, confusa. — E o que é que te fez sentir isso?? Quero saber para poder evitar isso aí!



— Ah... deve ser uma doença grave de coração... — Pensou, Agnes, com a mão no peito, esparramando-se dramaticamente sobre o chão. — Porque dói *beeeem* aqui no fundo. — Disse ela apontando para onde o coração deveria estar.

— Hum... Conheço um baiacu que o coração explodiu de tanto guardar o que sentia. — Comentou a árvore. — Ficou redondinho, feito uma jabuticaba madura.



Agnes arregalou os olhos e colocou a mão sobre o peito novamente, o coração ainda reclamava de dor:

Fale, coração, fale!, ela pediu, mais uma vez, *ou você vai me fazer explodir como um baiacu!*

Ai, que dor! Ai, que dor!, seu coração repetia, constantemente.

— Ufa... ainda bem que não tenho coração! — Dona Jabuticabeira suspirou aliviada. — Mas... tem cura isso aí?

— Eu acho que não. Já tentei tudinho...

— E quando foi que começou a ter isso? Nossa... Tão pequena e já tem problemas tão sérios... — Disse a árvore, lamentando.

— Ah... Há mais ou menos uma semana!

— Já sei! — Dona Árvore exclama: — Refaça os seus passos para se lembrar do que aconteceu semana passada. Se você tiver perdido uma parte do coração, vai conseguir se lembrar onde deixou.



Agnes se senta com as pernas dobradas e batuca os dedinhos pensantes: Hum... *As dores começaram assim que a mamãe lhe avisou que a Morte havia vindo buscar a sua avó.* E, desde então, Agnes nunca mais a viu.



Será que um pedaço do seu coração estava com a vovó quando ela foi levada? Só pode ter sido...

E se a vovó tivesse ido embora porque Agnes tinha feito algo de errado? *Nossa...* o coração doeu novamente.

— Eu já sei! — Agnes conclui, animada. — Foi a vovó quem levou meu coração. Estive procurando nos lugares errados a manhã toda... — Disse ela, pensando alto.

— É mesmo? E onde está ela? Por que ela levou seu coração? — Dona Árvore pergunta. — Foi isso que te causou um *ocacotioplafiti*?

— É isso mesmo! Descobri!

— Ora... vá atrás dela, então! Ou vai acabar como o baiacu! — A árvore a encoraja.



???

— Mas eu não sei para onde ela foi! Meus pais disseram que ela foi levada por uma tal de Dona Morte e que ela não vai mais voltar. — Diz Agnes, irritada.

— Ah... — Dona Jabuticabeira suspirou, triste. — Quando a Dona Morte chega... Bom... não tem mesmo o que fazer.

— É verdade? E você conhece esta tal?

— Conheço sim... Todo ano minhas folhas caem, minhas flores e frutos morrem. Em algumas épocas, fico sozinha... só com meu corpinho seco. Aí fico meio assim... sentindo *ocacotioplafiti*. Agora entendi o que você quis dizer.

— Mas, ué, você disse que não tem coração!

— Ah, é... não tenho. — Lembrou-se ela. — Então... eu sinto um *escaratipufe*. — Disse ela, inventando outra palavra. — É tipo um *ocacotioplafiti*, só que para árvores.

E
S
C
A
R
A
t
i
p
u
f
e





— *Escaratipufe?* Nossa, coitadinha! Parece tão grave quanto o meu... — Agnes faz um carinho em suas raízes grossas.

— No início, me sentia muito sozinha. Mas aí, me lembrei que tenho algumas companhias para me fazer sentir melhor: formigas que sobem meu corpinho, passarinhos que se aninham nos meus cabelos, pessoas que vem descansar nos meus pés. Mas, no geral, quando vem a morte, eu apenas espero o tempo passar.

— Olha.. Essa tal de Dona Morte... nem me fale desta! Queria dizer muitas coisas para ela! — Agnes volta a ficar revoltada.

— Hum?! Para mim?! — E, como se surgisse do nada, a morte aparece, nos galhos mais baixos da grande jabuticabeira.



Ela se apresenta com seu sorriso simpático para Agnes.

A garotinha, mais uma vez, fica surpresa. Aquilo não parecia ser a morte. A morte era um gato? Um gato enorme e gordinho. Um gatinho cinza com manchas amarelas, bigodudo, de olhos claros.



— Você é a morte?? Achei que a Morte fosse uma senhora velhinha, esquelética, com uma foice na mão... — Agnes se levanta curiosa, se equilibrando na pontinha dos pés para que seus olhos alcancem o gato com mais afinco e a ponta de seus dedos possam cutucá-lo.

— Morte... É, pode ser... alguns me chamam assim. — Disse o gato manso se espreguiçando no galho da árvore. — Mas tenho muitos nomes, formas e tamanhos. — Respondeu ele balançando o rabo longo.

— Mas, uma coisa é verdade, sou bem velho!! Bem mais do que a sua avó era.





Velho?, pensou Agnes, O gato sequer tinha cabelos brancos, que tipo de velho não tem cabelos brancos? Ou não usa óculos para enxergar?

— Fiquei sabendo que você queria me dizer muitas coisas... — O gato gordinho desceu o tronco num pulo e sentou-se de frente aos pés de Agnes.

Seus olhos grandes e alaranjados iluminavam o rosto felino.

— Bom... eu quero mesmo... — Ela parou e pensou: *O que eu falo para ele agora? Minha avó disse que não posso ficar xingando gente mais velha... Se bem que ele não é gente, é um gato... Mas é tão fofinho, pensou ela.*

— Primeiramente, gostaria que o Senhor-Gato fosse mais novo e menos simpático para eu poder te xingar. — Concluiu ela.

— Xingar? — Se assustou o Sr. Gato-Morte. — Mas... xingar pelo quê? O que foi que eu te fiz?





— Meus pais disseram que o senhor levou a minha avó!
Inclusive, já que está aqui... Faça-me o favor de trazê-
la de volta! — Agnes bate o pé, irritada.

O gato se senta e cruza as pernas,
pensando.

— De volta? Impossível! —
Exclamou o Gato-Morte. —
Menina, uma vez que se morre, não
se pode mais voltar a vida!

— Não?! — Pergunta, confusa. — Ora... eu não tinha pensado nisso. Mas que coisa
injusta! Eu nem brinquei o suficiente com ela de pique-esconde, e nem comi todos os pães
de queijo que ela poderia ter feito, e nem fomos passear no parque novo... — Agnes bate
o pé, como se fizesse birra, e se senta no chão novamente, para ficar de frente para o
Gato-Morte. — E por que que ela aceitou ir embora? Será que eu fiz algo de ruim? E por
que não escolheu outra pessoa? Minha avó gostava muito de viver, viu! E agora, por
causa do senhor, estou com a doença rara *ocacotioplafiti!*

Ela sentia muita vontade de chorar agora, mas odiava chorar na frente de outras pessoas, então tentou segurar o coração ao máximo. E a vovó dizia que as mulheres tinham de ser fortes, então... ela não podia chorar, ou iria decepcionar a vovó de novo.

Mas ela não conseguiu.

Ela enrugou o rosto só de lembrar das conversas com a vovó e o peito ardeu muito de dor. *Ai! Era o ocacotioplafiti de novo atacando! Que vontade de chorar!*



O Sr. Gato-Morte se aninhou nas perninhas de Agnes e ofereceu-lhe sua presença como conforto. A Jabuticabeira deu-lhe sombra e uma jabuticaba pretinha e docinha. E a brisa da manhã, deu-lhe novo ar para respirar, como se fizesse carinho em sua alma.

Agnes estava confusa com essa coisa de morrer. Era muito, muito esquisito.

Que vazio é esse?

Por que dói tanto?

E por que é que a avó não podia voltar mais?

Será que tinha feito algo de errado?

Sua cabeça estava tão confusa quanto um ninho de passarinho.



Agnes colocou a mão no coração. Novamente, parecia que ele queria sair do corpo.

Vamos, coração! Desembuche!, suplicou, Diga logo, antes que você me mate também.

Ai, que dor! Ai, que dor!, seu coração repetiu, mais uma vez, arrancaram um pedaço de mim!



Como se estivesse lendo a mente e o coração de Agnes, o Sr. Gato-Morte lhe responde:

— É a dor do luto, coração. — O gato encosta a orelha no peito de Agnes, como um médico que quer ouvir os batimentos do paciente. E ele sussurra para dentro: — Pode chorar, coração, não faz mal. Mas trate de sentir e colocar tudo para fora, ouviu?! Ou você vai inchar igual um baiacu...

— Ele falou! Você ouviu?! Ele disse que arrancaram um pedaço de mim! — Agnes exclamou, com a mão no peito. — Me ajude a achar o vazio que me falta, Sr. Gato-morte! Por favor!

O gato balançou o rabo e rodeou a menina desesperada.

— Arrancaram? Não... Não arrancaram, não! Foi você quem deu à sua avó um pedaço do seu coração, não se lembra?! — Disse ele após uma análise minuciosa.

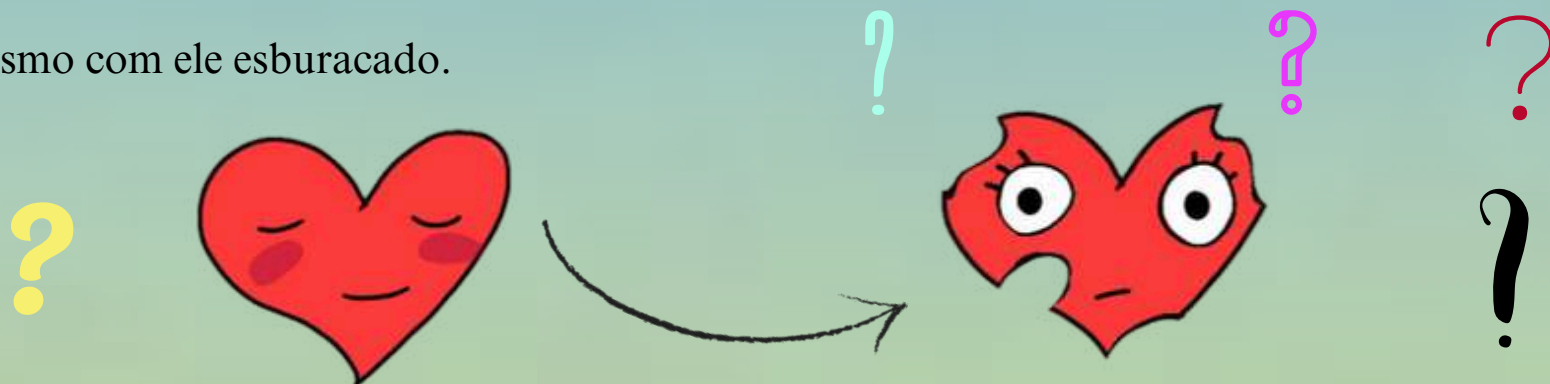
— Eu?

— Sim, deu ele para a sua avó! Desde os primeiríssimos dias em que a conheceu! E você não pode simplesmente tomá-lo de volta.



— Mas, então, como faço? Vou ficar com o coração esburacado pelo resto da vida? —
Pergunta ela, indignada. — Como vou viver?

— Sim, é claro, para o resto da vida! — Responde, a Morte. — Mas vai conseguir viver, mesmo com ele esburacado.



— Quer dizer que o *ocacotioplafiti* não vai passar nunca? Eu não queria sentir isso mais. E nem quero sentir nunca mais! — Ela enxuga os olhinhos com o rabo felpudo do gato. — Esse negócio de luto dói muito!

— É, eu sei, viver é sentir. — o Senhor Gato-Morte fala. — E não se pode fugir dos sentimentos que doem. Se tentar fugir, o *ocacotioplafiti* vai ficar ainda maior.

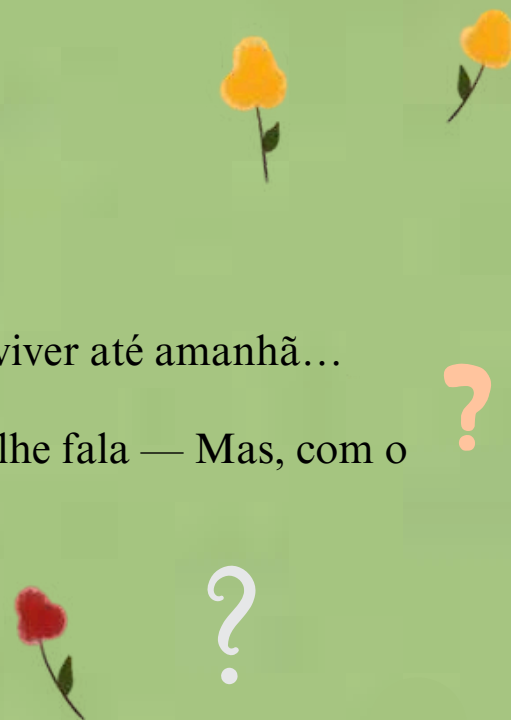
Ela olha espantada para o gato.

— Mas... como eu lido com isso, então?! Não sei se consigo sobreviver até amanhã...

— Bom... dizem que a dor não vai passar, não. — O Gato-Morte lhe fala — Mas, com o tempo, vai doer diferente.

— É mesmo? Diferente como?

— Vai ser uma dor de saudade. E não mais de *ocacotioplafiti*.





— Hum... entendi. — Disse Agnes, ainda não muito satisfeita.

— Preciso apenas esperar, então?

— Isso! E para que o *ocacotioplafiti* se torne saudade um dia, você vai ter que deixar o coração chorar agora.

— E Senhor Gato-Morte, mais uma pergunta... — Agnes chamou-lhe, mais uma vez. — como é que o *ocacotioplafiti* vira saudade? Vai demorar?! Hein?! — Perguntou já ansiosa para livrar-se de sua dor.

— Demorar? Bem, cada pessoa leva um tempo diferente. — O gato lambe sua patinha, pensante. — Mas acontece assim:

Você sabe que é saudade, e não *ocacotioplafiti*, quando as

memórias da sua avó não mais te entristecem o coração, não mais te fazem se sentir sozinha. É saudade quando você se lembra das brincadeiras com a vovó e dos pães de queijo dela, mas não sente mais **taaaanta** vontade de chorar. Sente o coração tranquilo.

— Ah! Agora entendi! A saudade é o vazio esburacado do coração, mas sem a vontade de chorar e a raiva. É... acho que vai demorar um pouco ainda...

— Leve o tempo que precisar. — O gato sorriu de forma simpática.



— Mas, se doer muito por agora, lembre-se que não está sozinha! — Dona Jabuti bem lembrou-lhe. — Pode até vir aqui e deitar nos meus pezinhos, comer uma jabuticaba bem docinha. Não vai tapar seu coração esburacado, mas pode amenizar o amargor do luto. Digo, do *ocacotioplafiti*.



— Obrigada, Dona Árvore e Senhor Gato-Morte. Quanta inteligência vocês têm! Me lembram até da minha avó. — Disse ela, recostando-se novamente no tronco da árvore, deixando o ventinho da manhã lhe clarear as ideias.

Tinha corrido tanto naquela manhã que sentiu até um soninho: *Que conversa esclarecedora, pensou Agnes, até que o Senhor Gato-Morte e a Dona Jabuti sabiam muito sobre aquela sua dor de coração.*



Agnes podia até estar se precipitando, mas acabou de sentir-se um pouco mais confortável com seu desconforto.

— E você, Sr. Gato-Morte, tem um coração também? — Perguntou Agnes, com a voz arrastada, já fechando os olhinhos de sono. Nem havia reparado que a morte já havia ido embora. Talvez tivesse outro coração para acalmar por aí.



Agnes respirou, de forma lenta e silenciosa, só para ver se o coração ainda gritava.

Mas ele estava em paz, tanto quanto possível.



E, assim, pela primeira vez depois da morte de sua avó, sorriu.

Pela primeira vez depois da morte de sua avó, deitou-se

com o coração em silêncio.

Fechou os olhos,

E caiu no sono.





FIM.

REFERÊNCIAS

AFFONSO, Rosa Maria Lopes; TEIXEIRA, Thais. A Ludoterapia como forma de Intervenção em Lutos Infantis. Revista FACISA ON-LINE. Barra do Garças – MT, vol. 04, n. 01, p. 12 – 28, jan./jul.2015. (ISSN 2238-8524)

CARVALHO SANTANA, K. . (2022). O VIVENCIAR DO LUTO NA INFÂNCIA. Revista Científica Da Faculdade De Educação E Meio Ambiente, 13 (edespmulti). Disponível em: <<https://revista.unifaema.edu.br/index.php/Revista-FAEMA/article/view/1028>>

KOVACS, Maria Júlia. Morte e Desenvolvimento Humano – São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

MENEZES, Karolline de Jesus Saraiva. Avaliação psicológica do luto infantil no contexto da violência urbana no Rio de Janeiro: contribuições da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano. Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2019. Orientadora: Juliane Callegaro Borsa. – 2019.

OLIVEIRA, Raquel Donegá de. et. al. O uso de narrativas literárias na prática de avaliação psicológica infantil. Desidades, número 36, ano 11, mai - ago 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.54948/desidades.v0i36.53381>> Acesso em 02 fev 2025.

Este livro foi produzido na disciplina de Psicodiagnóstico Infantil da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG/Divinópolis) e orientado pela Profa. Dra. Michelle Morelo Pereira;

É comum que em situações que envolvam a morte de um ente, os responsáveis tentem poupar as crianças de passar pelo processo doloroso do luto como uma forma de proteção, porém, mesmo afastadas, não deixam de perceber as mudanças ao seu redor, podendo manifestar-se através de comportamentos ansiosos, sentimentos de culpa, agressividade e outros.

Este conto tem o objetivo de tornar este processo mais ameno, com uma linguagem e personagens que podem adentrar o mundo infantil. A menina Agnes está passando por um luto e não entende os seus sentimentos, mas tem dois grandes amigos para ajudar a se organizar e se adaptar diante da morte e ajudar a entender as suas dores e sentimentos.